

A ARTE DOS POVOS ORIGINÁRIOS BRASILEIROS COMO SUBSÍDIO PARA UMA PEDAGOGIA EDUCACIONAL: RELATO DE UM EXPERIÊNCIA.

THE ART OF BRAZILIAN NATIVE PEOPLE AS A SUBSIDY FOR EDUCATIONAL PEDAGOGY: REPORT OF AN EXPERIENCE.

Resumo

Após séculos de virtual apagamento pelas instituições culturais e educacionais em geral, há mais ou menos duas décadas que a cultura e as artes dos povos originários brasileiros vêm sendo aos poucos resgatadas e sua importância colocada em evidência.

Por constituírem um dos aspectos fundamentais da formação da identidade brasileira, a cultura e as artes dos povos originários podem ser subsídios extremamente originais e criativos para a formulação de propostas pedagógicas do ensino das artes, como pretendemos demonstrar através do relato de uma atividade realizada nesse sentido, envolvendo alunos do Curso de Licenciatura em Artes Plásticas, atualmente Artes Visuais, do Departamento de Artes e Representação Gráfica da Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Bauru.

Palavras-chave: povos originários, arte, cultura, pedagogia, pintura mural.

Abstract

After centuries of virtual erasure by cultural and educational institutions in general, for more or less two decades the culture and arts of Brazil's native people have been little by little rescued and their importance highlighted.

As they constitute one of the fundamental aspects of the formation of Brazilian identity, the culture and arts of the native people can be extremely original and creative subsidies for the formulation of pedagogical proposals for teaching the arts, as we intend to demonstrate through the report of an activity carried out in this sense, involving students from the Degree Course in Fine Arts, currently Visual Arts, from the Department of Arts and Graphic Representation of the Faculty of Arts, Architecture and Communication of the Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru campus.

SILVA, José Marcos Romão da. Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Artes Plásticas pela UNICAMP. Mestrado e Doutorado em Poéticas Visuais do Curso de Pós-graduação em Comunicação da FAAC - UNESP - BAURU. Professor do Departamento de Artes e Representação Gráfica -FAAC-UNESP-BAURU. <http://lattes.cnpq.br/1659840591387749>

Keywords: native peoples, art, culture, pedagogy, mural painting.

Introdução

A arte dos povos originários brasileiros, como de resto os demais aspectos de sua rica cultura, desde o descobrimento, sempre foi tratada com descaso pelos colonizadores bem como pela sociedade brasileira que aos poucos foi se constituindo ao longo dos séculos.

Tal fato representa uma enorme lacuna no reconhecimento das origens mais autênticas da identidade cultural brasileira, já que, o rico e variado universo de práticas ancestrais que ocorriam em território brasileiro quando aqui aportaram os portugueses foi,

não só ignorado pelos mesmos, mas também metodicamente aviltado e destruído em nome de uma civilização considerada superior, cujos protagonistas se achavam, por isso mesmo no direito de praticar o espólio e o assassinato impunemente das populações aqui existentes.

Significativo nesse sentido são os *travelogues* (relatos de viagem), ilustrações imaginárias criadas a partir de descrições dos colonizadores, que proliferaram na Europa no século XVI, retratando de maneira distorcida e preconceituosa o confronto europeus e povos originários, contribuindo tanto para deturpar a imagem daqueles que aqui habitavam como para justificar a brutalidade com que eram tratados, como se pode observar nas gravuras, muito populares à época, de Theodore De Bry (1529 - 1562) .

Fig 1 – Preparo da Carne humana em Episódio Canibal, gravura em cobre. Ilustração do relato das viagens de Hans Staden ao Brasil. Theodore De Bry em América Tertia pars...

Fonte: 3o volume de Grands Voyages, Frankfurt, 1592. (Pereira, s/d, p. 2)

Situa-se, portanto, na origem da empreitada colonizadora o processo de descaracterização e destruição sistemática da cultura dos povos originários brasileiros que, somado ao descaso das instituições que deveriam zelar pelos artefatos remanescentes coletados e, milagrosamente preservados ao longo dos séculos, correm o risco de desaparecerem para sempre, como aconteceu devido ao trágico incêndio do Museu Nacional do Rio de Janeiro, ocorrido na data de 02.09.2018, que reunia um dos mais importantes acervos de exemplares da cultura dos povos originários existentes no país. Some-se a isso o grande número de artefatos expropriados do nosso país ao longo dos séculos e enviados para o exterior, cujo exemplo mais conhecido e emblemático é o manto Tupinambá, levado em 1644 por João Maurício de Nassau Siegens, que encontra-se no Museu Nacional da Dinamarca e que, felizmente foi devolvido ao nosso país e deverá ser incorporado ao acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro, por ocasião do término da sua recuperação

Como tal, existem milhares de artefatos dos povos originários espalhados por museus do mundo inteiro, sem que haja nenhuma iniciativa atualmente de resgate dos mesmos.

Desenvolvimento

Apesar desse cenário desolador, durante a comemoração dos 500 anos do descobrimento na Mostra Brasil 500 Anos, apresentada no Parque do Ibirapuera entre

03.04 à 07.09. 2000, foi dada importante ênfase à cultura originária através da exposição de significativos artefatos representativos da mesma em um núcleo específico para tanto, sob curadoria de José Antônio Braga Fernandes Dias e Lucia Hussak Van Velthem, com a edição de um volumoso catálogo com reproduções fotográficas e textos analíticos.

Coincidência ou não, desde então tem havido um expressivo movimento por parte das instituições culturais brasileiras de recuperação da memória e valorização da importância da cultura dos povos originários, com o marcante engajamento de destacados representantes dos mesmos, cabendo destacar a inclusão da obrigatoriedade da abordagem do assunto no Ensino Fundamental e Médio a partir do ano de 2002.

Eventos recentes atestam incontestavelmente a relevância que se tem dado à cultura dos povos originários no campo específico das artes, como é o caso da ênfase dada à produção contemporânea de artistas descendentes dos mesmos na 34ª Bienal Internacional de São Paulo ocorrida entre 04.09 à 05.12. 2021, com a participação de cinco artistas brasileiros representativos desse segmento: Daiara Tukano, Gustavo Caboco Wapichana, Jaider Esbell, Sueli Maxakali e Uyra.

Corroborando a importância dada atualmente à arte dos descendentes dos povos originários, muito significativo é o núcleo dedicado à mesma no Pavilhão Brasileiro na 60ª Bienal de Veneza, aberta no dia 10.04.2024 e que se estenderá até 24.11.2024, com curadoria de Arissana Pataxó, Denilson Baniwa e Gustavo Caboco Wapichana e participação de Glicéria Tupinambá, Olinda Tupinambá, Ziel Karapotó e Olivença a Bahia com curadoria geral de Adriano Pedrosa. (Ilustrações 02, 03, 04 e 05).

Fig 2 – Pavilhão Hãhãwpuá (Brasileiro) 60ª Bienal de Veneza.

Fonte: Carmo Johnson Projects.

Fig 3 – Integrantes do Pavilhão Hãhãwpuá (Brasileiro) 60ª Bienal de Veneza.

Fonte: Carmo Johnson Projects.

Fig 4 – Pavilhão Hãhãwpuá (Brasileiro) 60ª Bienal de Veneza.

Fonte: Carmo Johnson Projects.

Fig 5 – Pavilhão Hãhãwpuá (Brasileiro) 60ª Bienal de Veneza.

Fonte: Carmo Johnson Projects.

Relato de experiência arte educativa: proposta de uma pintura mural inspirada na arte dos povos originários realizada na EEPG João Pedro Fernandes.

Como docente do Curso de Licenciatura em Artes Plásticas, hoje Artes Visuais, do Departamento de Artes e Representação Gráfica da Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação da Unesp, Câmpus de Bauru, coordenei entre 1994 e 2016 um projeto de extensão universitária voltado à realização de pinturas murais em escolas públicas do município de Bauru.

A proposta de tal projeto visava três objetivos principais:

- coibir as pichações tão frequentes à época em muros e paredes das escolas;
- integrar os alunos universitários a uma pedagogia do ensino das artes nas escolas públicas promovida por atividades de extensão;
- incentivar os alunos do Ensino Fundamental e Médio a participarem de atividades de valorização do espaço estudantil.

Antes de tudo é preciso esclarecer que à época havia um intenso debate sobre o caráter transgressor das pichações, consideradas pelas direções das escolas como prejudiciais à imagem do seu papel como instituições de ensino. Além disso, segundo as mesmas, as pichações eram normalmente feitas por alunos da própria escola, aparentemente com o intuito de manifestar algum tipo de insatisfação pessoal. O propósito de ocupar os espaços que normalmente eram pichados por pinturas realizadas pelos próprios alunos, visava tornar o ambiente escolar mais acolhedor para a maioria, já que era insignificante o número de alunos das escolas que a pichavam, enquanto que a participação na atividade de pintura mural sempre abrangeu um grande número de alunos, com adesão absolutamente espontânea por parte dos mesmos. Segundo ainda depoimentos das direções das escolas em que atuamos, depois da realização das pinturas, ocorria uma evidente manifestação de sentimentos de valorização e pertencimento do ambiente escolar por parte dos alunos em geral.

Para a implementação do projeto, feito o contato inicial com a direção da escola interessada, discutíamos com a mesma o tema a ser abordado nas pinturas murais, em reuniões das quais participavam professores, funcionários e representantes de alunos, além do orçamento necessário para a aquisição das tintas e pinceis. A partir de tais

tratativas e definidas as diretrizes a serem seguidas, o grupo de bolsistas que integrava o projeto passava a desenvolver o tema escolhido com os alunos da escola nas aulas de Ensino das Artes, estimulando-os à criação de trabalhos em guache sobre papel a partir do mesmo.

Ao final dessa etapa, os trabalhos criados pelos alunos eram expostos e escolhidos aqueles que seriam ampliados na realização da pintura mural, por todos os integrantes da escola, a qual era feita em sistema de mutirão, em data previamente agendada, com a participação voluntária dos alunos da escola e do curso de Artes da Unesp, coordenados pelos bolsistas do projeto e sob minha supervisão. Em geral o mutirão era feito aos sábados, a partir das 08:00 da manhã e normalmente se estendia até o final da tarde quando, invariavelmente a pintura mural, ainda que de grandes dimensões, se encontrava pronta.

Na data de 1º de Julho de 1997 a proposta de pintura mural foi desenvolvida no muro frontal da EEPG João Pedro Fernandes no Núcleo Índia Vanuire, Município de Bauru, e , em homenagem ao nome do bairro, optamos pelo tema da arte dos povos originários, particularmente pelos grafismos geométricos presentes nas pinturas corporais e artefatos de cestaria e cerâmica, estendendo-se por cerca de 100 metros de extensão por 1,80 metros de altura. Procuramos privilegiar o uso das cores branca, preta, primárias e suas possíveis derivações, a fim de conferir certa unidade ao conjunto.

A pintura mural contou com a participação voluntária de cerca de 100 alunos da escola, 30 universitários além dos 7 bolsistas, bem como de alguns membros da comunidade local, sendo concluída em uma jornada de aproximadamente 10 horas de trabalho. Segundo relatos prestados por professores, direção e coordenação da escola, após a realização da pintura mural cessaram as pichações e os alunos passaram a demonstrar grande entusiasmo pela renovação do ambiente escolar.

Ao contrário do que acontecia à época, hoje é reconhecido o caráter das pichações como manifestações legítimas da cultura jovem, já tendo havido a incorporação ao universo da arte de alguns pichadores que expõem regularmente seus trabalhos em galerias, como Órion e Cripta Jam entre outros, não prevalecendo mais o sentimento de que as mesmas representem pura e simplesmente um ato de vandalismo, o mesmo acontecendo com o grafite que, em sua origem também era proibido.

Pelo engajamento manifesto em relação à nossa proposta de pintura mural, nos afigura lícito supor que, de alguma forma, a mesma desencadeie nos participantes um sentimento análogo de pertencimento como ocorre nos grafites e pichações.

Fig 6 –Desenvolvimento do tema para pintura mural com os alunos da EEPG João Pedro Fernandes.
Fonte: autor

Fig 7 –Desenvolvimento do tema para pintura mural com os alunos da EEPG João Pedro Fernandes.
Fonte: autor

Fig 8–Pintura mural na EEPG João Pedro Fernandes.
Fonte: autor

Fig 9–Pintura mural na EEPG João Pedro Fernandes.
Fonte: autor

Fig 10–Pintura mural na EEPG João Pedro Fernandes.
Fonte : autor

Fig 11–Pintura mural na EEPG João Pedro Fernandes.
Fonte : autor

Fig 12–Pintura mural na EEPG João Pedro Fernandes.
Fonte: autor

Considerações finais

A recente valorização da cultura e das artes dos povos originários tem sido recebida com entusiasmo e surpresa pela comunidade em geral, decorrente tanto da originalidade e criatividade implícitas em suas manifestações, bem como do crescente engajamento dos seus representantes nos mais diversos âmbitos da sociedade, reflexo

da árdua luta que empreendem há décadas pelo reconhecimento dos seus direitos , com repercussão tanto em âmbito nacional quanto internacional. Sua incorporação à pedagogia do ensino das artes é um subsídio precioso para a valorização de uma ancestralidade que repercute na formação de uma identidade cultural brasileira.

Referências

CUNHA, Manuela Carneiro. CEZARINO, Pedro de Niemeyer. (Org.). **Políticas Culturais e Povos Indígenas**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

PEREIRA, Rafaele Sabrina Barbosa. **O Trânsito Entre Imagem Escrita e Imagem Iconográfica em Theodore De Bry na Representação da Barbárie Americana**. Departamento de História - UFRN s/d.

RIBEIRO, Berta G. **Diário do Xingu**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

VALENÇA, José Rolim. FURRER, Bruno. **Herança. A Expressão Visual do Brasileiro Antes da Influência do Europeu**. São Paulo: Empresas Dow, 1984.

VIDAL, Lux. (Org.). **Grafismo Indígena: Estudos de Antropologia Estética. 2ª Edição**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.